

**A PRÁTICA DE LEITURA  
ATRAVÉS DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS**

*João Batista da Silva Santos* (UENF)  
[joaosanto.92@gmail.com](mailto:joaosanto.92@gmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)  
[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

*Luciana da Silva Almeida* (UENF)  
[lucy.salmeida@gmail.com](mailto:lucy.salmeida@gmail.com)

*Liz Daiana Tito Azeredo da Silva* (UENF)  
[jolizdaiana@gmail.com](mailto:jolizdaiana@gmail.com)

*Jackeline Barcelos Corrêa* (UENF)  
[jack.barcelos1@hotmail.com](mailto:jack.barcelos1@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar a prática de leitura através do uso das tecnologias na formação dos leitores e professores dos anos iniciais do ensino fundamental na escola. Nesse contexto da formação do professor, especificamente no que diz respeito à prática de leitura nas escolas através dos recursos tecnológicos, o artigo concebe a leitura como uma atividade propícia ao estabelecimento de relações intersubjetivas, levando em consideração o papel do professor como mediador da leitura na sala de aula. Para que essa mediação seja feita de forma eficiente, ressaltamos a importância da formação continuada do futuro professor na educação.

**Palavras-chave:** Recursos tecnológicos. Formação de professores. Leitura.

**1. Introdução**

As reflexões em torno dos assuntos tecnologia e educação está em discussão há várias décadas. Os educadores passaram a enxergar a tecnologia como um dos recursos pedagógicos que pode ser utilizado na leitura, alfabetização e na formação de professores. Pierre Lévy (1995) afirma que a informática é um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e, parcialmente, indeterminado. Nesse contexto, a questão do uso dos recursos tecnológicos, particularmente na educação, tem posição

importante e, por isso, é importante refletir sobre as mudanças educacionais provocadas por essas tecnologias, propondo novas práticas docentes e buscando proporcionar experiências de aprendizagem significativas para os alunos.

Para alfabetizar e ser alfabetizado, é preciso ir além da capacidade de identificar letras e frases, é necessário compreender o sentido daquilo que se lê, pois tal competência é exigida em todas as áreas do conhecimento. Por isso, o acesso aos livros, às revistas, internet e aos jornais se constitui em fonte imprescindível de formação docente e discente. Nessa perspectiva, introduzir as políticas linguísticas e de leitura no contexto da formação de professores com ajuda dos recursos tecnológicos pode contribuir para que esses futuros profissionais adquiram novos conhecimentos que subsidiarão sua prática docente.

## **2. A importância da educação continuada**

Sabemos que na sociedade atual, as transformações sociais têm influenciado em vários aspectos, como o comunicativo e o expressivo dos indivíduos, o que se refletem conseqüentemente no contexto escolar. Para isso, faz-se necessário oferecermos aos futuros educadores novas perspectivas de formação que ajudará na formação dos seus alunos.

Para isso, ressaltamos a importância da formação continuada dos professores com o objetivo de assegurar uma ação docente efetiva que promova aprendizagens significativas. Para que a educação continuada atinja seu objetivo, precisa ser significativa para o professor.

Um bom programa de formação continuada precisa partir das necessidades reais do cotidiano escolar do professor; valorizar o seu saber e a sua experiência e integrar de forma eficaz, teoria e prática.

A formação continuada deve ser capaz de conscientizar o professor de que teoria e prática “caminham lado a lado, que a teoria o ajuda a compreender melhor a sua prática e a lhe dar sentido e, conseqüentemente, que a prática proporciona melhor entendimento da teoria ou, ainda, revela a necessidade de nela fundamentar-se.

O aluno do Normal Médio, ainda existente no estado do Rio de Janeiro, prevalece como a formação inicial de professores que atua nos anos iniciais do ensino fundamental. O que de certa maneira, aponta para uma preparação incipiente e ainda incompleta para sua atuação. Dessa

forma, faz-se necessário que os cursos de magistério busquem novas possibilidades em seus currículos para uma preparação adequada de seus futuros profissionais. O processo de ensino-aprendizagem é vivenciado não somente dentro da escola, mas como uma ação que acontece em todo e qualquer setor da sociedade, que se caracteriza como a sociedade do conhecimento, porque a educação formal e a não formal caminham paralelamente e tornam-se a educação o principal instrumento contra a desigualdade social.

### **3. A importância da leitura na escola**

Entendemos, pois, a leitura na escola como uma atividade de relevância capital, tanto quanto as políticas de línguas. O domínio desta questão constituirá a base instrumental em cima da qual os conhecimentos se erguerão, e, mais importante, a base sobre a qual a reflexão e os domínios do imaginário se abrirão como ferramentas imprescindíveis da realização do papel da escola e da vida sociocultural. Sempre respeitando o grau de amadurecimento do aluno e as práticas culturais da escola, da comunidade e do professor, a leitura não deve operar apenas o caráter instrumental, mas o que há nela de essencial na vivência de sujeitos, inseridos em contextos sociais e políticos precisos, formados em uma visão de mundo que, de tão específica, formula sua própria identidade.

A partir dos termos chave em destaque, passamos a compreender melhor que um projeto de leitura não se define exclusivamente pela exploração “inconsequente” do código, mas em uma exploração em função do discurso. O formalismo que domina há tanto tempo o “ensino” de português (com fixação quase exclusiva nas normas) abre suas asas por cima dos projetos de leitura, todos dominados por uma concepção suprematista do texto e do projeto autoral, que anulam concepções dinâmicas de leitura, como a interação autor-texto-leitor. (KOCH, 2002; KOCH & ELIAS, 2006)

Esta concepção se desenvolveu com disciplinas as mais diversas no campo das ciências da linguagem, que vão da pragmática (LIMA, 2006) à sociolinguística (CALVET, 2002), passando pela análise do discurso (ORLANDI, 1998) e análise da conversação. Há, também e principalmente, as teorias de leitura (LAJOLO, 1999; KLEIMAN, 1993), políticas de línguas (BAGNO, 2000), linguística textual (MARCUSCHI, 2008; POSSENTI, 1996; GERALDI, 2002), linguística e alfabetização (CAGLIARI, 1989) e mesmo a semiótica (SANTAELLA, 2008). E todas

têm o texto, na sua materialidade, como o campo em si do enunciado, submetido que está às regras que formulam o “dito” na sua relação com o contexto e com todas as formulações do “dizer”.

É, portanto, do discurso que estamos falando, e é o discurso que resulta da intenção de sujeitos quando usam a língua como atividade social. É nesse contexto que é importante um projeto de leitura na escola com a utilização dos recursos tecnológicos, isto é, um projeto que possa partir da concepção de língua cidadã, que redunde nela, em si, no texto. Se conhecermos nossa língua e com ela nos identificarmos, teremos seus produtos – seus textos, sua oralidade, suas cantigas, seus ditos, seus variados aspectos comunicativos – como coisas de nossa vivência e não como corpos estranhos.

Rodas de leitura e criação e produção de texto formam a atividade de base. Seus desdobramentos consistem em oficinas que desenvolvam, entre outras coisas, leitura de universos culturais cotidianos, prática e distinção de leitura poética e leitura referencial, distinção entre leitura semiótica e leitura linguística do texto. O resultado mais imediato esperado é o de criar entre alunos e docentes em iniciação uma outra dinâmica de língua e leitura na escola, uma dinâmica que retire as circunstâncias exclusivamente acadêmicas desta atividade e a levem para o cotidiano, como atividade plena de satisfação real e concreta.

#### **4. A utilização dos recursos tecnológicos**

Pierre Lévy (1995) afirma que a informática é um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e, parcialmente, indeterminado. Nesse contexto, a questão do uso dos recursos tecnológicos, particularmente na educação, tem posição importante e, por isso, é importante refletir sobre as mudanças educacionais provocadas por essas tecnologias, propondo novas práticas docentes e buscando proporcionar experiências de aprendizagem significativas para os alunos. Com os recursos tecnológicos inseridos na escola, a educação fará a ponte entre a criança e o mundo das tecnologias.

Emília Ferreiro, numa entrevista, afirma que para o cidadão exercer seus direitos é preciso estar capacitado para fazer uma leitura crítica das mensagens escritas – uma leitura compreensiva que permita comparações, extraia consequências etc. Vai além quando é questionada sobre a chegada dos computadores:

A presença da escrita na tela do computador é hoje um fato universal. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita. (FERREIRO, 2008)

Ferreira também associa o texto no computador à antiguidade:

Navegar na internet exige um comportamento do leitor bastante diferente do comportamento que ele tem diante do livro. Para começar o texto circula na tela no sentido vertical. Lembra a manipulação de um rolo, como se fazia na Antiguidade Clássica, antes da invenção do livro, o qual manuseamos virando páginas. A organização da página do livro é muito diferente da que temos na tela de um computador, que está cheia de detratores. (FERREIRO, 2008)

Ferreira enfatiza que a escola não valoriza a seleção – eger o que serve e o que não serve – e que é responsabilidade da escola proporcionar o melhor para os alunos

Graças às novas tecnologias, talvez seja mais fácil introduzir a criança à cultura letrada. As novas tecnologias são muito poderosas e não tem sentido perguntar se são boas ou más, se servem ou não. A cada dia há mais escolas conectadas em rede, tudo indica que o acesso à Internet vai se proliferar como aconteceu com o celular. (FERREIRO, 2008)

O uso das tecnologias para leitura e pesquisas atrai o público, e oportuniza ao professor oportunidades para o preparo de suas aulas. Na era digital que estamos vivendo, devemos aproveitar e fazer uso desses recursos tecnológico de maneira coerente e atenta para filtrar o que está sendo pesquisado "Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura". (SILVA, 2005)

A escola precisa utilizar os recursos tecnológicos como parceira para uma boa formação dos seus alunos.

## **5. Considerações finais**

Dessa forma, evidenciamos a importância da prática de leitura pelos próprios professores, mediadores de leitura escolar, compreendendo-a como uma maneira eficiente de potencializar sua ação de formadores de jovens leitores, bem como afirmar sua própria trajetória enquanto leitores. Também, evidenciamos a utilização dos recursos tecnológicos como papel importante na formação do professor, e na utilização correta desses recursos para leitura e pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CALVET, Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

FERREIRO, Emilia. *Computador muda práticas de leitura e escrita*. Disponível em: [http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudo\\_mensagem.asp?id\\_postagem=116&sitearea=64&assuntoid=41](http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudo_mensagem.asp?id_postagem=116&sitearea=64&assuntoid=41)>. Acesso em: 28-02-2016.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

GOUVÊA, Sylvia Figueiredo. Os caminhos do professor na era da tecnologia. *Revista de Educação e Informática*, ano 9, n. 13, abril 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes: Unicamp, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendado os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lúcia. (Org.). *Encontros e desencontros marcados*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 117-132.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

LÉVY, Pierre; AUTHIER, Michel. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 1995.

LIMA, José Pinto de. *Pragmática linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: práticas e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1998.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SANTAELLA, Lucia. *Imagem: cognição, semiótica*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

VARÓN, Paloma. Emilia Ferreiro valoriza as novas tecnologias. *Pedagogia e Tecnologia: blog da disciplina novas tecnologias e educação*, do curso de pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em:

<<http://pedtec.blogspot.com.br/2006/11/emilia-ferreiro-valoriza-as-novas.html>>. Acesso em: 09-07-2008.